

“...E dali em diante soube perfeitamente falar o grego...” – um episódio na vida de Ângelo Clarenó

ANA CRISTINA RUI ALMEIDA

RESUMO

“E dali em diante soube perfeitamente falar o grego”. Assim refere o narrador do prólogo da versão portuguesa da *Escada Espiritual* de S. João Clímaco o modo como Ângelo Clarenó, o tradutor do texto grego para latim, passou subitamente a dominar aquela língua.

Por ocasião da homenagem a Manuel Pulquério, mostra-se neste texto como se processou a utilização de um texto grego do Oriente Médio na sociedade ocidental de cultura latina, e o que a escolha de um texto com tal diferença cultural pode ter significado.

ABSTRACT

“And from then on he spoke perfect greek”. This is how the narrator in the prologue of the portuguese version of St. John Climacus’ *Spiritual Ladder* refers to Angelo Chiarino, the translator of the greek text into latin, and the way he suddenly acquired that language.

The aim of this paper, in which we make tribute to Manuel Pulquério, is to show how a greek text from the Middle East came to be used in latin culture western society, and what the choice of such a text may have meant in so different a culture.

“Os antigos estavam convencidos de que a educação e a cultura não constituem uma arte formal ou uma teoria abstracta, distintas da estrutura histórica objectiva da vida espiritual de uma nação; para eles tais valores concretizam-se na literatura (...). Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de

si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana.” (Werner Jaeger, *PAIDEIA*)

O professor Manuel de Oliveira Pulquério foi o responsável pelo gosto e saber que muitas gerações de jovens adquiriram pela educação, pela cultura e pela literatura grega. Fruto dessa acção, o carácter fundacional que os textos clássicos representam, mas sobretudo a questionação que, de maneira particular, a tragédia grega impõe ao ser humano, permanecem como memória a que a todo o momento regressamos.

Numa comunicação apresentada em 1970 à Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, sobre o problema colocado pela interpretação do sacrifício de Ifigénia no *Agamémnon* de Ésquilo, Manuel Pulquério propunha uma abordagem baseada numa ideia aparentemente tão simples como esta:

“A referência à *αναγκη* feita pelo coro no v. 218, a propósito do sacrifício de Ifigénia, não exclui em Agamemnon a consciência de uma alternativa real. A «necessidade» aqui é uma face da acção, a outra é o seu carácter voluntário. (...) verdadeiramente o destino apenas impõe uma decisão, não impõe uma solução.”¹

Estas palavras continuam a ecoar com um impacto que ultrapassa largamente a circunstância da leitura da tragédia pois, como se dizia no final daquela comunicação,

“a admiração que esta tragédia (...) tem suscitado, pela nobreza da sua poesia e a elevação e originalidade do seu pensamento, resulta de uma atitude crítica mais esclarecida e mais justa.”

Era, afinal, a apreciação estética de um texto em verso em que se tornava presente a questão do destino, e a problematização da responsabilidade pessoal: o valor da atitude crítica, esclarecida e justa.

Serve esta lembrança para apresentar a leitura de uma passagem do prólogo ao livro de S. João Clímaco *Escada Espiritual* – na tradução portuguesa do códice alcobacense 213, um livro de formação monástica. Impõe-se, porém, uma prévia apresentação breve do autor e da obra².

¹ PULQUÉRIO, M. O. (1970): 14.

² Retomam-se nos parágrafos seguintes algumas reflexões já apresentadas em ALMEIDA, A. C. (2001).

S. João Clímaco, também denominado *João, o escolástico* ou *sinaita*, deve o nome por que é conhecido exactamente à redacção da *Escada Espiritual* (em grego ‘κλίμαξ’ significa ‘escada’, e daí ‘clímaco’). É um autor bastante divulgado e reverenciado na Igreja Cristã Oriental, tendo ganho particular importância na ascética mística, nomeadamente da Igreja Grega e Russa. O seu nome foi também usado na época contemporânea pois foi adoptado como pseudónimo filosófico por Søren Kierkegaard, quando escreveu, em 1844, o seu *Fragmentos filosóficos ou um pouco de filosofia*³.

O pouco que se sabe da vida deste santo é deduzido a partir dos seus escritos (que incluem também um *Sermão ao Pastor* que se segue à *Escada*) e conhecido pela *Vita* redigida por um Monge Daniel, abade do Mosteiro de Raithu, a sudoeste do Monte Sinai. Devemos, no entanto, ter presente o facto de que estes textos merecem a credibilidade histórica que podem ter testemunhos polidos pela veneração e admiração que os autores foram grangeando. Segundo esta *Vita*, supõe-se que terá nascido na Síria, no século VI (cerca de 525, ou pelo menos, antes de 579), e falecido no Monte Sinai, no início do século VII (cerca de 605, 616, ou mesmo 649, segundo alguns autores). Crê-se que terá tido sólida formação intelectual mas cedo se terá retirado para o Monte Sinai – lugar santo que atraía então grande número de ascetas e solitários – e se terá submetido à orientação espiritual de “um monge chamado Martyrius”⁴ que lhe conferiu a tonsura monástica aos vinte anos. Após a morte deste seu “pai espiritual”, viveu em isolamento numa pequena ermida, em Tholas, hoje Wadi El Tlah⁵, ermida que é agora ponto de visita de um percurso de turismo religioso, e que se integra num plano de apoio da UE às populações berberes da região. Este retiro de Clímaco terá sido interrompido por algumas viagens, nomeadamente ao Egipto. Pelo ano 600, os monges do monte Sinai pediram-lhe que assumisse a sua condução, como abade (do Mosteiro de Santa Catarina), o que fez com tal reputação de sabedoria que o papa Gregório Magno não só lhe teria escrito recomendando-se nas suas orações e enviando-lhe dinheiro para o *hospital* do Sinai, mas também o tornou conhecido através dos seus *Moralia*.

Assim, a sua vida de recolhimento e ascese granjeou-lhe uma extraordinária popularidade, tornando-o uma autoridade da Igreja Oriental.

³PLATHOW, M. (1992): s.v. “Johannes Klimakus”.

⁴THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA: id.

⁵CLIMACO (1990): 3 e ss.

A *Escada Espiritual* ou *Escada do Paraíso* é um texto que se apresenta dividido em trinta pensamentos ou reflexões (no original grego *logoi*), chamados graus, degraus ou escalões pelos editores posteriores. Segundo os seus tradutores e comentadores, ao tomar como referente o episódio bíblico da ‘Escada de Jacob’,

“...Climaco sintetiza plenamente o símbolo que lhe serve para explicar a etapa ascética e a mística da vida espiritual”⁶.

De facto, O *Génesis* relata como episódio central de uma viagem empreendida solitariamente por Jacob, a visão que este teve, em sonho, de uma *escada* (escadaria ou rampa pode ser também o significado do texto hebraico) que ligava a Terra ao Céu, imagem que representa a possibilidade de Deus se lhe dirigir. Este texto faz parte do *Pentateuco*, ou *Colecção dos Cinco Livros de Moisés*, que foi sendo elaborado e transmitido oralmente ao longo dos séculos, tendo sido fixado por escrito apenas durante o domínio persa, c. de 500 AC. Por isso, a descrição desta *escada*, que faz lembrar a Torre de Babel, sugere aos intérpretes semelhanças várias com elementos das culturas da Antiguidade Oriental, tais como a figura dos zigurates mesopotâmicos, no cimo dos quais se atingia o lugar da divindade, mitos acádicos que referem como os deuses sobem a *longa escadaria do céu* ou, tal como para os egípcios, para quem os defuntos subiam até à presença dos deuses por uma escada.

O motivo da escada revela assim, numa primeira leitura, literal e histórica, a apropriação pelo povo de Israel dos símbolos e lugares religiosos de outros povos, transformando esses símbolos à luz do seu próprio sentimento religioso – monoteísta. Do ponto de vista do sentido, espiritual, e subvertendo naturalmente a crueldade e arbitrariedade de divindades orientais, este episódio visa ilustrar didacticamente a manifestação da providência divina, e a confirmação das promessas de Deus a Abraão, traduzidas numa nova Aliança, simbolizando a escada, portanto, e por ora, um meio pelo qual Deus se revela ao homem.

Potenciando o significado desta passagem bíblica, do mesmo modo, a ambição de todo o monge, estabelecida na *Escada Celestial*, seria empreender esta caminhada ascencional, de proximidade cada vez maior com a perfeição divina, através dos conselhos deste experimentado e santo “pai espiritual” João Clímaco que, humildemente, se afirma na sua construção “como um arquitecto

⁶ CLIMACO (1990): 7.

pouco hábil” (XXVII, 32)⁷. Mas, para além desta figura, e tal como todos os escritos monásticos (Regras e outros) o texto aplica também a metáfora do combate espiritual que leva à perfeição.

Este texto, vivo durante séculos na tradição religiosa do Médio-Oriente, e influente na concepção da vida monástica na sua vertente espiritual, veio a ser traduzido pela primeira vez, integralmente, do grego para latim, no final do século XIII por Ângelo Clarenó, um franciscano espiritual. Deste texto temos duas versões que vieram do Mosteiro de Alcobaça: uma em latim e outra em português.

A *Escada* em português abre com um prólogo no qual se evidencia um episódio maravilhoso: trata-se de um milagre pelo qual a língua grega passa de súbito a ser dominada por Clarenó, precisamente o primeiro tradutor conhecido do texto grego, numa clara estratégia de atribuição de autoridade a esta figura. De facto, Ângelo Clarenó, espiritual perseguido, foi uma personalidade notável na história do movimento franciscano de finais do século XIII – princípios do XIV, em Itália, e as circunstâncias da sua vida cruzaram-se, de um modo muito curioso, com uma figura grada da história da cultura portuguesa do tempo de Afonso IV, que foi Álvaro Pais, bispo de Silves.

Foi quando exilado na Grécia, em virtude das perseguições movidas aos espirituais franciscanos, que Clarenó empreendeu a tradução para latim da obra de S. João Clímaco, até então conhecida apenas em grego e outras línguas do Oriente médio, e de que o Mosteiro de Monte Cassino possui apenas um excerto, em latim, incluído num florilégio místico do século XI.

Desta tradução latina de Clarenó foi feita uma outra tradução para italiano, por Gentile da Foligno, um eremita agostinho seu amigo, e da qual se supõe que deriva o texto português de Alcobaça, como esperamos poder demonstrar em trabalho em curso.

A passagem do prólogo é a seguinte⁸:

⁷ CLIMACO (1990): 8.

⁸ As normas seguidas para a transcrição deste excerto correspondem a um critério de conservação que permita o uso do texto numa forma gráfica e (eventualmente) fonética próxima do original, ultrapassando apenas aquelas que consideramos as maiores dificuldades dos textos manuscritos medievais. Assim, desenvolvemos as abreviaturas, e & (conjunção coordenativa) é transcrito *e*; separámos palavras e unimo-las nos casos necessários, excepto nas formas verbais de conjugação pronominal e reflexa em que não introduzimos hífen uma vez que a sua ausência não dificulta a leitura; *u* com valor consonântico é grafado *v*, e *j* (com valor vocálico) é grafado *i*; quanto às marcas de nasalação, conservámos as oscilações do texto manuscrito, mantendo ~ (ou ¨, quando as dificuldades tipográficas o impõem), m- e n- ;. Respeitou-se a marcação de ritmo do texto (as marcas originais vão assinaladas

(...) Consirando ho mui homrado religioso frade Angeo de Clarino da orden dos frades meores, o quall avêdo recebudo noticia da lingua grega, polla graça de Deus, graciosamente nos quis parte daquel don fazer que Deus lhe fezera, pois seendo frey Livrado seu padre spritual, os quaees eram nas partes de Romania ã hũa hermidã dos gregos,• aveo asy que a nocte de natal eran na dicta hermidã o frade Angeo,• cõ o frade Livrado aas matinas rezando ho offiçio,• cõ os quaees eran duçentos e oytenta hermitaães gregos e ladinhos. Aveo asy que os frades gregos dizendo as liçoões, ã hũa hora e ã huũ subito sentio frey Angeo na sua alma polla graça de Deus a claridade de lingua grega; e logo andou ao seu padre frey Livrado e demãdoulhe leçença para leer hũa liço ã aquella gramatica delles, da qual cousa marauilhãdose frey Livrado muito, pero consirava a sua santidade e outorgoulho; asy leeo aquella liçon como se fose naçido e senpre criado ã aquella lingua.• E daly a diante soube perfeitamente falar o grego. Onde, nõ querendo el que aquesta graça fosse ã vaão, buscou antre os seos livros e viu que erã ascõdidos aos ladinhos e por ysso os tralladou. Ho primeiro livro he de San Basilio e este he a maneira da regra; [Ho] segundo he Crimico, o quall cõpos Sã Johã escolastico, abbade de huũ moesteyro de monte Sinay. (...)

O episódio que podemos ler neste excerto do prólogo parte de elementos concretos: Frei Livrado era efectivamente um dos companheiros do grupo de Clarenó; a situação destes franciscanos era a de hóspedes num mosteiro que monges do norte da Grécia tinham colocado à sua disposição como abrigo, enquanto lhes fosse necessário resistir à perseguição movida contra as suas pessoas, e contra as suas ideias reformistas sobre o entendimento da Regra Franciscana, nomeadamente do sentido da pobreza (o qual há-de merecer de Álvaro Pais esclarecedores discursos), e que motivara o seu afastamento e desejo de constituir um movimento autónomo.

Mas este episódio contém também um elemento do domínio do maravilhoso que desempenha uma função literária importante, como referimos. Concebido numa evocação livre da narração neotestamentária da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, Gentile da Foligno, o tradutor do texto italiano, terá sentido necessidade de fixar por escrito a lenda que atribuía a Clarenó o protagonismo de tão importante ocorrência miraculosa, inscrevendo-se numa tradição literária que usou as referências ao mundo grego antigo como uma forma de valorizar a narrativa em prosa, os seus autores, e os seus tradutores.

De facto, e como virá a referir David Hook a propósito de um romance sentimental em prosa do século XVI – *Naceo e Amperidonia*

com •) e aproximou-se o uso de maiúsculas das convenções actuais. Consultámos COSTA (1993) e RODRIGUES / CRUZ (1983).

– existe uma tradição literária, tópica e convencional, que inclui a localização num contexto clássico (“the classical setting”) e de que fazem parte nomeadamente, a utilização de certo tipo de antropónimos e topónimos⁹. O uso desta convenção não se restringe, porém, apenas aos textos renascentistas, mas vai ocorrendo, paulatinamente, ao longo de toda a Idade Média.

Com Ângelo Clareno, este factor de ordem literária cruza-se ainda com outros elementos extremamente importantes no domínio da história das mentalidades: a permeabilidade ao contacto com o mundo oriental grego de tradição bizantina é aqui particularmente valorizada por um grupo marginal e perseguido de cristãos do mundo latino – os franciscanos espirituais italianos e o seu ideário reformista.

“Dali em diante soube perfeitamente falar o grego...”: como que tendo uma nova sabedoria, suportada por toda a autoridade de um texto patrístico da Igreja Cristã Oriental, Clareno pode agora colocar à disposição dos homens da Europa latina do seu tempo outro modelo de reflexão moral e religiosa – um modelo monástico do Oriente Médio, dotado de uma exigência pessoal razoavelmente diferente dos modelos monásticos latinos europeus de então.

Esta longa e árdua subida em trinta degraus, só então verdadeiramente conhecida no Ocidente, quis impôr-se, portanto, como alternativa.

Quem sabe, também, para provocar “uma atitude crítica mais esclarecida e mais justa”; quem sabe para preferir a vida de Ifigénia, e não a conquista de Tróia.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. C. (2001), “A Escada de S. João Clímaco” in: *Figura – Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM (Associação Hispânica de Literatura Medieval)*, coord. de António Branco. Faro: Universidade do Algarve [1998].
- THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. www.Knight.org/advent/cathen/08457a.htm
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da, (1993) *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- CLIMACO, San Juan, (1990) *La Escala Espiritual o Escala del Paraíso* (Trad. do grego). Zamora: Ed. Monte Casino, p.3 ss.
- HOOK, D. (1985), “*Naceo e Amperidonia: A Sixteenth-Century Portuguese Sentimental Romance*”, in *Portuguese Studies*, vol.1. Londres: The department of portuguese King’s College London, p.17-18.

⁹ HOOK, D. (1985): 17-18.

- MARTINS, M. (1961), “A *Escada Celestial* em medievo-português”, in *Brotéria*, vol. LXII-nº4, Lisboa, p.403 ss.
- PLATHOW, M. (1992), *Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexicon*. Verlag Traugott Bautz, Band III, s.v. “Johannes Klimakus”. www.bautz.de/bbkl
- PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira (1970), “O Problema do sacrificio de Ifigénia no *Agamemnon* de Ésquilo”, in *Humanitas* p.21-22.
- RODRIGUES, Graça Almeida / CRUZ, Maria Augusta Lima (1983), “Normas de transcrição: linha geral de actuação e modalidades (Proposta para a transcrição de textos de cronistas portugueses)” in *Estudos de História de Portugal* (vol. II – séculos XVI-XX, p.147-155). Lisboa: Editorial Estampa.